

LEILA DINIZ EM VÁRIAS VERSÕES

MARIA LYGIA QUARTIM DE MORAES

A Leila Diniz de minhas lembranças

Leila Diniz é uma mulher de minha geração. Igual a outras filhas das classes médias urbanas, estudamos em colégios particulares, derrubamos o tabu da virgindade e participamos dos acontecimentos políticos dos anos 70. Mas cada qual em sua trincheira. O que proponho como tema de reflexão é justamente o inventário das representações de Leila Diniz, especialmente como símbolo e ideal de um Brasil moderno.

A primeira imagem que me vem quando ouço o nome de Leila Diniz é a de uma mulher jovem, recém-saída da adolescência, bullçosa, de corpo generoso e sorriso contagiante, sem se falar do calor do olhar. A heroína de *Todas as Mulheres do Mundo*, em que a atriz vivia muito de sua própria história¹, registrada pela câmara amorosa de Domingos de Oliveira, autor do apaixonado poema em que fala da amada, de sua boca "que é como um berço onde nasci"; do corpo que "para compreendê-lo é preciso muita convivência". E, num suspiro final: "Tua alma é teu corpo".

Identifiquei-me imediatamente com a Leila e o final da heroína, dividida entre um ideal de auto-realização e os limites sociais de sua época. Tudo terminando, evidentemente, num "final feliz": a heroína reconciliada com o herói e a comemoração do aniversário do rebento².

O segundo grande impacto foi no exílio francês quando, abrindo o jornal alternativo *O Pasquim* (nº 96), em meados de 1971, deparei com Leila sorridente, com os braços acalentando a barriga proeminente, **a grávida do ano**. Mas o maior impacto de todos foi a foto mais sensacional, aquela em que

¹ No entanto, nada a ver com a história "politicamente correta" e cheia de clichês feministas da "dupla" Malu-Mulher/Regina Duarte, de meados dos anos 70.

² Daí me parecer uma ignorância a propaganda realizada, através de muitas páginas em revistas e de *outdoors*, para o lançamento do novo "conceito" que inspirou a marca Fórum, após a vitória no Mundial de Futebol, adotando a glorificação da nacionalidade pela comparação entre artistas brasileiros e norte-americanos. Leila é a contrapartida brasileira da loira Marilyn! Que absurdo!

ostenta o barrigão de grávida sem o tradicional malô de gravidez que deveria esconder o "estado interessante". A principal sensação que ela passava: estar de bem com a vida, de biquíni, jogando frescobol, sorrindo, num bem-estar feliz que incluía o belo cenário do Rio de Janeiro.

Em termos de "imagens" de mulher, as fotos e declarações de Leila marcam uma época. Sua participação no "teatro rebolado" e a foto em que, fantasiada de Carmem Miranda, amamenta a filha Janaína, no intervalo do espetáculo, falam desta tentativa de Leila, como a de outras mulheres de sua geração, de viver plenamente a dimensão pessoal e a dimensão profissional. No entanto, Leila também sofria das tensões da conciliação entre maternidade e autonomia pessoal; entre criar uma criança e desempenhar uma profissão.

Leila viveu a primeira geração da "revolução sexual": vários namorados, casamento pós-maternidade, rompimento com o casamento etc. Sua vida é bem representativa dos conflitos gerados pelas mudanças nos papéis femininos. Foi precursora do projeto do casal igualitário³ e sofreu a tensão entre projetos pessoais e necessidades infantis, dilema ainda não superado pelas mulheres que, além de terem uma vida afetiva e profissional, desejam conhecer a maternidade.

Todavia, ninguém foge ao seu destino, diz o preceito árabe. O que estaria fazendo Leila, em junho de 1971, na Índia, longe da filha Janaína, um bebê de oito meses?

As várias Leilas

Leila Diniz e os anos 60

Ela faz parte da geração da mudança e do individualismo. O ideário de Leila é muito semelhante a "o seu amor, ame-o e deixe-o livre para amar" dos novos baianos. Representa o projeto de autenticidade, de fuga dos esquemas de vida e pensamento da velha classe média. Neste sentido, Leila Diniz viveu um ideal de modernidade ao mesmo tempo em que foi fetichizada como expressão da modernidade da juventude carioca dos anos 60 (que incluía uma ala mais politizada). A agitada vida sócio-cultural do Rio de Janeiro, na transição da capital federal para Brasília, contrastava com a seriedade paulista. Assim, Leila Diniz também é expressão do narcisismo prateado dos cariocas e, depois dela, só a tanga de crochê do ex-guerrilheiro Fernando Gabeira causou tanto sucesso, no chamado "verão da abertura".

A musa d'O Pasquim

Pelo sucesso da fórmula e a diversidade existente numa equipe de colaboradores permanentes que incluía Ziraldo, Flávio Rangel, Paulo Francis, Henfil, Ziraldo e Tarso de Castro, bem como pela longevidade, o jornal alternativo *O Pasquim* está a merecer um estudo mais cuidadoso. Nos limites

³ GIDDENS, Anthony *A Transformação da Intimidade. (Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas)*. São Paulo UNESP, 1992.

deste texto, vale lembrar que, durante os anos 70, tornou-se o porta-voz dos modismos da esquerda carioca e dos anos dourados de Ipanema. Leila, legitimamente, era a garota de Ipanema quando afirmava que “o único compromisso que tenho é com o sol”.

Analisando os fatos com o olhar de hoje, fica mais evidente a importância que a própria Leila tinha para divulgar o jornal cujas edições acusavam a sua popularidade. Após a famosa entrevista dada à equipe de *O Pasquim*, em junho de 1969, em que Leila falou abertamente de sua vida e das opiniões, usando palavras, quando necessário, o sucesso foi de tal ordem que o jornal chegou a uma tiragem de 200 mil exemplares!

A Leila da coleção Encanto Radical

Leila Diniz, enquanto “ideal modernizador”, é o tema do livro de Claudia Cavalcanti⁴. A autora reúne dados e fatos sobre a vida de Leila que constituem documentos biográficos interessantes, muitas vezes prejudicados, no entanto, pela sua dificuldade em controlar as próprias fantasias. Ela acredita tratar-se de uma grande identidade entre dois temperamentos rebeldes e impetuosos e se auto-define da seguinte maneira: “a maior chatice de ser Claudia é ter que aturar as pessoas que não perdoam os meus apenas dezenove anos, a melhor idade de viver apaixonada e escrever paixões”.

Já na escolha da proposição “Por que durar é melhor do que inflamar?”, de Roland Barthes, Claudia condensa seu ponto de vista juvenil que também servirá de ótica de análise: o importante é viver intensamente. (Penso, ao contrário, que Joana D’Arc teve ter tido suas dúvidas na hora em que o fogo começou a consumi-la: “melhor durar do que inflamar”, deve ter pensado a heroína de Orléans).

São muitas as evidências de que a Leila Diniz do livro é uma projeção da Claudia tanto no sentido de atribuir seus próprios sentimentos e pontos de vista a Leila quanto em projetar em Leila um certo “ideal de modernidade”. Daí a importância de mostrar uma Leila que sempre dava “a volta por cima” numa boa.

A infância de Leila, marcada pela perda da mãe e outras perdas, constitui um aspecto difícil de se banalizar. Não obstante, Claudia Cavalcanti, dentro de sua ética “tudo numa boa”, nos informa que “Leila faria parte da geração pós-guerra, o pessoal que mais balançou o coreto daquilo com que não concordou. Como a família-modelo por exemplo. A menina cresceu numa delas, das mais típicas. Nunca teve grandes traumas na infância (!!!), apesar de seus pais terem se separado quando ainda era pequena, mas o fato não pareceu (???) influir na sua vida. ‘Seu’ Nilton Diniz se casou novamente e dona Isaura assumiu as vezes da mãe dos rebentos da primeira união, o casal Ello e Eli, além de Leila. Do segundo casamento, Lúgia e Regina. Cinco irmãos felizes. O pai, bancário, a mãe adotada, professora”⁵. Quais os dados que

⁴ CAVALCANTI, Claudia. *Leila, uma Paixão*. São Paulo: Brasiliense (Coleção Encanto Radical), 1983

⁵ *Ibidem*, p. 10.

Claudia Cavalcanti tem para afirmar que Leila nunca teve traumas em criança e que os cinco irmãos eram felizes?

Aos 14 anos Leila fugiu de casa e Claudia transforma o fato em enredo de fotonovela: "E lá se foi sapeca (sic) para Niterói, rumo à casa de uma amiga. Telefonava todos os dias para os pais, por um pouco de emoção na sua fuga". Finalmente, Claudia tenta des-dramatizar a morte de Leila com o seguinte comentário: "Leila era viva demais pra querer voltar pra isso aqui. Deve estar passeando pelas ruas da Índia, feliz e incógnita, rindo dos trouxas que suportam este caos por tanto tempo"⁶.

A maternidade de Leila Diniz

No entanto, o material recolhido por Claudia Cavalcanti permite também entender o fascínio causado por Leila nas mulheres de sua geração (e de outras). Primeiramente, acho que Leila representa o que existe de mais importante na experiência de ser mãe: o prazer da maternidade. Leila é a naturalização e a erotização da maternidade. Exibindo a barriga, amamentando Janaína nos intervalos da peça em que estava trabalhando. Num país de origens luso-africanas o culto à maternidade constitui uma tradição; entretanto, na sua versão católico-burguesa, a "santificação" da maternidade identifica a Virgem com a Mãe. Ao "corporificar" a maternidade, exibindo suas manifestações mais marcantes: a imagem da gravidez, de uma barriga inflada que contém um feto em desenvolvimento e a imagem da amamentação, uma boca infantil sugando o seio de uma mãe gozosa. Com Leila a maternidade assumiu sua dimensão de "mistério gozoso" ao invés de "doloroso" como era da índole das mulheres que exerciam a maternidade contra o próprio desejo: "A gravidez é um negócio maravilhoso. Dá uma sensação de absoluto; a gente fica completa. Acho que o negócio máximo de ser fêmea é estar prenhe".

A sua disponibilidade amorosa e seu ponto de vista sobre as creches, sintetizados pela frase "Deixar criança na creche e ir trabalhar? Não estou nessa, não", certamente causaram mal-estar ao feminismo certinho que preconiza a solução da creche como panacéia universal, deixando sempre de lado a discussão sobre as necessidades e direitos das crianças.

Falando de Janaína, Leila conta que "esse nome pintou ontem na minha cabeça, depois que ela mamou. Rui gostou e ficou Janaína - tem um som bonito, musical. É a filha das águas. Uma transa muito minha e muito linda". Ao mesmo tempo, reconhece a própria fragilidade e os medos vividos com as responsabilidades maternas: "Tenho muito medo. Mas Janaína está aí. E eu também. Gosto dela com mais calor. E começo a amá-la de verdade. Ela sente. Acho que ela sente". Leila foi generosa e viveu com a filha um primeiro ano marcado pela amamentação. Gosto de mulheres que amamen-

⁶ *ib.*, p. 76.

tam, acho que este é um grande presente que as mães podem fazer a seus filhos. Leila permaneceu três meses cuidando de Janaína em tempo integral, e assim comenta sua decisão:

“Eu cansei de toda aquela agitação. Precisava de um pouco mais de calma e tranqüillidade para colocar minha vida em ordem. Descobri também que minha filha é a única coisa verdadeira que possuo. E, depois, ela está crescendo e precisando de mim. (...) Estou tão ligada nela que até me esqueço do resto do mundo.”

Leila separou-se pela primeira vez da filha para participar de um festival de cinema na Austrália. Seria uma estada de umas duas semanas. Assim, saiu do Rio dia 6 de junho mas, com saudades, antecipou a volta: “Não sei por que estou voando para a Índia. Que tenho eu a ver com a Índia, se Janaína está lá na Barra, com a babá. Eu sou mesmo uma louca. Que eu vim fazer aqui, no fim do mundo? Afinal, quem é a mãe de Janaína, eu, que estou aqui, ou a babá, que está com ela? Acho que estou ficando velha. Estou cansada”.

Na madrugada do dia 14 de junho o avião que a conduzia de volta caiu perto de Nova Déli. Leila Diniz, que já era mito em vida, multiplicou-se morta.

O melhor de Leila Diniz

Em entrevista concedida à *Folha de S. Paulo* de 6/10/94, em que a atriz Ana Maria Magalhães fala de seu trabalho como diretora de um filme erótico, são feitas duas referências ao nome de Leila Diniz. Na primeira, ela fala de sonhos recorrentes: “Aquele de correr e não sair do lugar, gritar e não sair a voz. Já sonhei muito com a Leila Diniz”. Depois, quando se tratou de citar uma grande perda, Ana Maria Magalhães respondeu: “Leila Diniz, a minha amiga”. Admirável amizade que tem sobrevivido a tantos anos!

E, por fim mas não por último, a filha de Leila Diniz, Janaína, também na *Folha de S. Paulo*, fala de sua relação amorosa com o pai, o cineasta Ruy Guerra, e das inúmeras mães - as amigas de sua mãe Leila, incluindo Marieta Severo - que cuidaram da filha da amiga morta. Assim, esta presença tão marcante de uma pessoa morta há mais de 20 anos transmite uma imagem da força amorosa de Leila Diniz.